

Voltando a Jorge Sampaio, sentado à mesa do Porto de Abrigo...

Queríamos que ele trabalhasse connosco, que viesse para a Resistência Republicana e Socialista. Dizia-nos que não: necessitava de independência política e, na sua geração, a luta académica era outra coisa!

Está a dar-me razão: é Jorge Sampaio quem lhe fala no problema geracional!

Mas sem antagonismo nenhum; antes pelo contrário, com simpatia! Com solidariedade, complementaridade e admiração. Tinha, inclusivamente, a opinião do pai dele em relação a nós, que era, obviamente, lisonjeira.

Justamente: uma admiração que se esgotava em si própria e não pressupunha mais nada. O próprio Jorge Sampaio me disse, referindo-se a esses anos sessenta, que admirava em si o lutador incansável, o homem que sempre se portara bem na cadeia, mas que quase sempre o olhava como um “burguês social-democrata de quem alguma coisa o separava”.

Olhava e muito bem. Não me importo nada que me olhasse assim: tenho mesmo muita honra nisso. No início do livro com Dominique Pouchin, *Portugal, quelle révolution?*, em pleno PREC, reivindiquei, orgulhosamente, a minha qualidade burguesa. Nunca procurei fazer passar “gato por lebre”. E o chamado “obreirismo” dos intelectuais que se queriam fazer passar por operários sempre me pareceu um acto de pura hipocrisia, se não mesmo de oportunismo. Mas, voltando ao Jorge Sampaio, lembro-me do Manuel Mendes, que era engraçadíssimo, a dizer-lhe nesse jantar: “Olhe, Jorge, vai-lhe acontecer o mesmo que àquelas meninas muito prendadas, muito recatadas, mas que se fazem muito difíceis: passa o tempo e, depois, ficam para tias!” A Sampaio – e a alguns outros – quase lhes ia acontecendo isso. Muitos anos depois, quando quiseram entrar no Partido Socialista, em 1978 – e lhes abri as portas de par em par –, não deixei de lhe lembrar essa história do Manuel Mendes...

Essa espécie de fosso entre Mário Soares e a nova geração foi continuando. Como, por exemplo, em *O Tempo e o Modo*, fundado por António Alçada Baptista. No início de 63, acarinhou o aparecimento dessa revista. João Bénard da Costa e os demais católicos rezaram até uma Avé-Maria para melhor se inspirarem na votação sobre a abertura de *O Tempo e o Modo* aos não católicos.

A decisão foi favorável, Mário Soares e Francisco Salgado Zenha passaram a integrar o seu Conselho Editorial. Pergunto: ao apoiar a revista, não estava, simultaneamente, a apoiar o nascimento de um partido democrata-cristão para que a direita da Oposição passasse a estar “ocupada” por alguém que não Mário Soares? Isto é, a concretizar-se esse partido, Mário Soares preencheria o lugar da esquerda na Oposição não comunista, os democratas-cristãos seriam a direita dessa mesma Oposição. É isto?

É, de algum modo, isso, mas não só isso. Por um lado, nunca me situei à direita da Oposição. Por outro, não foi só no sentido do pluripartidarismo (que, aliás, nunca chegou a concretizar-se) que me agradou o aparecimento da revista. Foi, sobretudo, o abrir de mais uma frente – a dos católicos – no combate contra o regime. Até aí, considerava-se que Salazar e o regime eram o bastião do catolicismo, que não se distinguia então do que depois se chamou o “integrismo católico”. E o catolicismo, ou melhor, a Igreja institucionalizada esteve, por acção e também por omissão, permanentemente ao lado e por detrás do regime, activamente com Salazar. Em várias circunstâncias, foi de facto a Igreja o grande sustentáculo e o principal cimento do regime....

... mas aí houve uma viragem decisiva...

... Sim, no princípio dos anos sessenta, algo muda. Iniciam-se os trabalhos preparatórios do Concílio Vaticano II, sob o signo renovador do grande Papa



A pintora Menez. “Ao Porto de Abrigo ia muito a Menez... Era uma mulher muito bonita...”

“Sentia-me satisfeito de estar no Tempo e o Modo. Era outra geração e outra realidade...”

Jorge Sampaio.

“Queríamos que ele trabalhasse connosco, que viesse para a Resistência Republicana, dizia-nos que não...”

João XXIII. Entretanto, houvera já a carta do Bispo do Porto a Salazar, condenando o regime no plano social e humano; haviam-se destacado alguns católicos, de que a figura emblemática era Francisco Lino Neto, de quem mais tarde me tornei muito amigo e companheiro de luta. Conheci Francisco Sousa Tavares – que participou na chamada Revolta da Sé com outro católico, Manuel Serra – e depois a sua mulher, Sophia de Mello Breyner, na Sociedade Portuguesa de Escritores. Procurei estimular e apoiar esse grupo um pouco heterogéneo. Cedo compreendi a sua importância. Entretanto, conheci António Alçada Baptista, quando fundou a Livraria Morais, de que me tornei frequentador. Um dia, perguntou-me se eu queria participar numa revista de cultura, *O Tempo e o Modo*, que

ele e alguns amigos tencionavam publicar. Não hesitei um momento, apesar da minha posição de “laico, republicano e socialista”, que ele conhecia. Disse logo que sim.

Compreendeu a importância desse grupo, passou a colaborar com eles. Mas, subjacente à sua decisão, estava ou não, prioritariamente, a ideia de que eles se poderiam constituir em partido político?

Eu acarinhava essa ideia...

Ah...

... Sim, conversei com alguns deles, incitei-os nesse caminho, mostrei-lhes (o que bem sabiam!) como a democracia cristã era importante na Itália e na Alemanha. Tentei empurrá-los nesse sentido, sem êxito, reconheço. Procurei-lhes contactos; em Itália, por exemplo, falei com Giorgio La Pira e outros democratas-cristãos que me pareciam adequados a impulsionar aqui a formação de um partido com essas características. Alguns deles chegaram a vir a Lisboa contactar católicos portugueses. Sem resultado! A minha família política não era, obviamente, a mesma. Não podia fazer mais do que fiz. E foi pena não ter tido êxito. Fartei-me de informar os católicos que, do nosso lado, estávamos a penetrar o socialismo democrático europeu e que isso era de grande utilidade para voltar a Europa contra Salazar. Era tão simples quanto isto. Se os católicos tivessem ajudado pelo seu lado, teria sido muito mais rápido e fácil. Não quiseram, por razões de coerência ideológica, que, aliás, compreendo. E também pela mesma razão que o Zenha não queria, mais tarde, andar com o Partido Socialista para a frente: criar um partido, na clandestinidade, era subir um degrau na escala de responsabilidade política, meter a mão na massa, passar do domínio da opinião crítica à concretização política. E, por isso mesmo, incorrer na possibilidade de se ir parar à cadeia mais facilmente. Estavam mais interessados em assumir apenas posições e atitudes no plano cívico e moral.

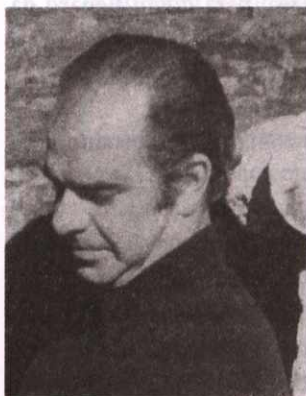
António Alçada Baptista considerou que Mário Soares foi, na Oposição, o “primeiro” a vislumbrar a importância dos católicos para a luta contra o regime. Recordando hoje esse período, disse-me que, como católico, esteve sempre mais interessado numa “postura ética”; considerou que um partido democrata-cristão estava “condenado” em Portugal; e, finalmente, não encontrou nenhuma “disponibilidade” nas pessoas para alinharem na concretização dessa partido. Mas António Alçada considerava também que outras pessoas poderiam estar influenciadas pela má memória da experiência do Movimento Republicano Popular, ocorrida em França, entre 45 e 58? Concorda com este ponto de vista?

Não posso deixar de concordar. A aposta na criação de um partido comporta riscos, e o ambiente – em Portugal – não estava, porventura, maduro para tal. A

Igreja de Roma, nos anos sessenta, já estava noutra posição: preparava a sua neutralidade perante os partidos democráticos, o que em democracia é perfeitamente correcto. Mas naquele tempo, com Salazar vivo e dominante, se temos conseguido criar um partido democrata-cristão, clandestino, mas com a bênção dos seus congéneres italianos e alemães, que golpe seria contra a Ditadura!

Nunca o saberemos. Mas, provavelmente, Francisco Sousa Tavares teria querido: "Entusiasmava-o a possibilidade da prática política." Mas não teve nem a possibilidade, nem o espaço de manobra.

Foi o único, talvez, que compreendeu melhor a estratégia que eu preconizava. Mas, nessa altura, era ainda monárquico, o que atrapalhava um pouco as coisas. Só depois aderi à República. Entrei também em contacto com o grupo de monárquicos democratas, desiludidos com o fracasso do Integralismo Lusitano, cujos melhores acabaram todos anti-salazaristas confessos: Luís de Almeida Braga, Vasco de



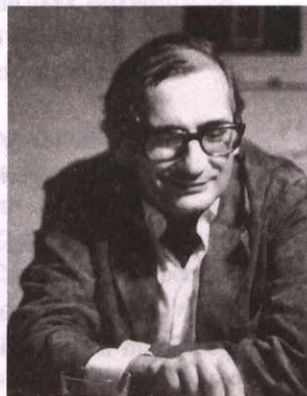
O escritor Nuno Bragança.

"Nuno Bragança era o único romancista, portanto com uma percepção superior..."



João Bénard da Costa.

"E será que eles não terão curiosidade em saber o que eu pensava deles?"



António Alçada Baptista.

"Consolidámos então uma amizade muito grande, que perdura, e a que, pelo meu lado, se junta a admiração muito sincera pelo Homem..."

Carvalho, Hipólito Raposo, Pequito Rebelo, Vieira de Almeida... Fiz relações de grande amizade com Gonçalo Ribeiro Telles e conheci também Henrique Barrilero Ruas e outros, nessa época. Pretendia que entre eles e a Oposição Democrática se estabelecesse um diálogo construtivo.

Que tipo de diálogo?

A questão do regime não se punha mais em Portugal. Os monárquicos constitucionistas, sendo opositores ao regime ditatorial, pertenciam por direito próprio à Oposição Democrática e pressionavam a família de D. Duarte Nuno, algo en-

feudada a Salazar, a cortar esse vínculo nefasto. Fui eu quem lhes apresentou a Princesa Maria Pia de Bragança. Mas esse contacto não teve qualquer resultado, dadas as características psicológicas de intratável instabilidade da Senhora. Participaram nas eleições legislativas de 69, onde concorreram com uma lista autónoma. Compreenda, nisto tudo o meu objectivo era só um: queria contribuir, com todas as minhas forças, para derrubar o regime! E, ao mesmo tempo, dar consistência e credibilidade à Oposição Democrática, de modo a que a Europa a olhasse com respeito e se sentisse obrigada a ser solidária.

Os então jovens de *O Tempo e o Modo* olhavam-no com mais respeito que credibilidade. Falando hoje com alguns deles, retive que, nesse tempo, o consideravam ligado a um “grupo de velhos” – a Resistência Republicana e Socialista – e dividido entre o “revivalho da baixa” e a “social-democracia”, como me disse Manuel de Lucena. E João Bénard da Costa recorda Mário Soares como alguém que, culturalmente, balançava entre o neo-realismo e o século XIX, entre Oliveira Martins e Teófilo Braga, para quem Bénard da Costa olhava com pouco interesse. O único que lhe achava “graça” era, segundo eles, o escritor Nuno Bragança.

Não duvido. Aliás, Nuno Bragança era o único romancista, portanto com uma percepção superior do conhecimento dos outros...

Mas era desta forma que o olhavam na época!

E será que eles não terão curiosidade em saber o que eu pensava deles? Eles pensariam isso de mim, mas não mo diziam directamente. Pelo contrário, mostravam-se simpáticos e solidários: Manuel de Lucena, João Bénard da Costa, Alberto Vaz da Silva, Jorge Sampaio, Pedro Tamen... Sendo mais velho, reconheciam, obviamente, que tinha muito mais experiência do que eles. Politicamente, tinha já visto e vivido muito. Representava isso uma realidade incontornável. É curioso que, depois do 25 de Abril, quiseram de novo colar-me esse mesmo rótulo! Mas eu pensava, mantendo-me em *O Tempo e o Modo*, levar a água ao meu moinho. Sentia-me satisfeito de lá estar: era uma janela aberta para outra geração e outra realidade. Por outro lado, curiosamente, alguns dos meus amigos – o Carlos de Oliveira, o Manuel Mendes, o Cochofel, o Mário Dionísio – interpellavam-me por eu estar “metido com os católicos” – e não os levavam a sério. Achavam que era uma perda de tempo. Eu insistia: “Não se preocupem! Sei o que quero e o que estou a fazer!” Salgado Zenha, nisso, acompanhou-me totalmente.

Nesse ano de 63, ocorreu uma violenta diatribe que opôs Mário Sottomayor Cardia – que integrava o Conselho Editorial de *O Tempo e o Modo* – ao conjunto da redacção, levando-o inclusivamente a sair da revista, a trocá-la pela *Seara Nova* e a encetar aí uma polémica violenta contra *O Tempo e o Modo*. Cardia saiu denunciando a “aliança encapotada” que ali se tentava fazer entre a

democracia cristã – personificada nos católicos – e a social-democracia, protagonizada por si e Salgado Zenha. Parece que teve razão: era isso justamente o que estava em curso!

Não era assim de uma forma tão explícita. O diálogo foi sempre mais subtil. Houve virtualidades, nesse sentido, que não chegaram a ser concretizadas. Mário Cardia é muito inteligente, percebeu muito bem o que estava implícito. E como perrencia, nessa época, ao Partido Comunista, agiu um pouco em defesa dos interesses imediatistas do PC, que sempre temeu ficar isolado na Oposição e perder um certo privilégio hegemónico que adquirira desde o MUNAF... Por outro lado, é certo que acarinhiei a ideia da formação de um partido com essas características e procurei influenciar para que ele se viesse a concretizar. No meu espírito, o interesse daquela experiência poderia também ser exactamente esse. Mas também percebi muito cedo que a corrente dominante não queria ir nesse sentido.

Conheceu António Alçada Baptista, manteve com ele permanentes contactos, nasceu uma amizade que perdura até hoje. Que retrato faz de Alçada Baptista?

É uma figura humana encantadora e um grande escritor. A política sempre o interessou secundariamente, como mero imperativo ético. Mas nem por isso deixou de ter uma acção decisiva como impulsionador do movimento do catolicismo progressista. Arruinou-se, alegremente, com a Livraria Morais, *O Tempo e o Modo* e a revista *Concilium*. Mas realizou uma obra extraordinária! Como é superliberal e, por temperamento, ultraconciliador, a partir de Maio de 1968 deixou que *O Tempo e o Modo* perdesse um pouco o rumo e o sentido. A par de Lino Neto, de Teotónio Pereira e de Sousa Tavares, desempenhou um papel corajoso e importantíssimo na tentativa de separar a Igreja do salazarismo. Como, décadas antes, tinham ensaiado os irmãos Alves Correia, o grupo Metanoia, com Ferreira da Costa e João Sá da Costa e o professor Vieira da Luz, entre outros. Acreditou em Marcello Caetano e fez com ele um livro de entrevistas que foi, talvez, o seu único deslize político. Lembro-me de, quando eu já estava no exílio, ele me ter procurado, em Paris, e de eu lhe ter dito isso mesmo. Não foi grave, mas pagou-o caro, depois do 25 de Abril. Alguns apressados “revolucionários” voltaram-lhe então a cara, com muito mais oportunismo do que convicção. Sempre o estimei muito e tive ocasião, nessa época difícil, de lho demonstrar. Consolidámos então uma amizade muito grande, que perdura, e a que, pelo meu lado, se junta a admiração muito sincera pelo Homem, pelo maravilhoso contador de histórias e pelo Escritor.